

A ARTE DE ARQUIVAR COMEÇOS

É um gesto tão simples e grandioso: arquivar uma lista de leituras para, no fundo, arquivar uma versão mais luminosa de nós mesmos.

Há quem colecionasse selos, quem junte moedas, quem guarde bilhetes de cinema amarelados pelo tempo. Eu coleciono **começos**. Um começo é uma capa aberta, uma lombada que range, um marcador esquecido como um galho de árvore dentro do rio do texto. Hoje, ao “arquivar” aquela lista de livros que comecei a ler, não guardei títulos: guardei portas.

Há um ritual silencioso nesse ato. A gente dá nome a uma pasta — *Biblioteca Ideal, Plano de 4 semanas, Leituras que me atravessam* — e aperta salvar. O clique é mínimo, mas por trás dele se move um continente. Proust mexe no açucareiro; Borges acende a luz de um corredor sem fim; Lygia abre a janela e deixa a corrente de ar virar páginas como quem vira destinos. E a casa, essa concha que tantas vezes se habitua ao nosso mesmo passo, parece ajustar-se um pouco quando sabe que, esta noite, *Dom Casmurro* pode dormir sobre a mesa de cabeceira, e amanhã, *Pedro Páramo* fará a sala falar com mortos de uma aldeia mexicana.

Arquivar uma lista é o contrário de congelar a vida. É **guardar o que ainda não foi vivido**. Lembro de Umberto Eco — nosso patrono das estantes e dos labirintos — dizendo que a verdadeira biblioteca não é o museu de tudo o que lemos, mas a topografia generosa do que *ainda não lemos*. A “antilibRARY”, como ele gostava de chamar, não humilha: convida. O que você arquivou não foi um dever de casa; foi um mapa de promessas. E promessas são o músculo do futuro.

De cada livro arquivado, nasce um pequeno calendário doméstico. Segunda: Bentinho cochicha um ciúme que talvez seja nosso também, e a ironia de Joaquim Maria Machado de Assis, este velho sábio, serve de antídoto contra a pressa. Terça: Borges empurra a mesa da sala e desenha um labirinto. Quarta: Proust aplica o estetoscópio no peito da memória e ausculta um murmúrio que chamamos de infância. Quinta: Raduan nos devolve a linguagem sem verniz, e a família vira liturgia e faca. Sexta: Lygia sopra um conto que cabe no intervalo entre lavar a louça e acender uma vela. Sábado à noite, quem sabe, Anaïs Nin ou Hilda Hilst lembram que o corpo também lê — e que a leitura, às vezes, é uma forma de toque. Domingo é o dia de reler o que a semana escreveu em nós.

Porque a lista arquivada tem esse poder secreto: ela não organiza apenas livros; **organiza estados de espírito**. Quando o mundo insiste em medir tudo por produtividade, abrimos um romance e dizemos: “Agora, quem mede o tempo é a

página.” E a página, caprichosa, ora corre feito rio, ora empaca em um parágrafo que pede três releituras — como quem pede um beijo repetido para aprender a duração exata do gesto.

Há também o ofício manual, quase artesanato, de ler. O lápis nº 2 apontado, o sublinhado parcimonioso, a margem com uma interrogação que voltará, meses adiante, para nos perguntar *outra* coisa. Um bom arquivo de leitura tem manchas de café, notas indecifráveis, um recibo de livraria usado de marcador, um horário de ônibus rabiscado ao lado de um verso. A vida, quando se mistura a um parágrafo, deixa de ser agenda e vira literatura doméstica.

E como não falar do **prazer de encadear vozes**? A gente percebe, talvez, na terceira semana — que há uma conversa subterrânea entre livros que nem se cumprimentariam num coquetel. Proust sussurra no ouvido de Raduan um rumor de infância e rituais; Lygia, com sua precisão de alfaiate, faz a barra do casaco de Machado cair melhor; Borges, malandro, entrega a Fernando Pessoa um mapa de heterônimos, e Pessoa devolve a Borges uma bússola que aponta para dentro. O arquivo é, às escondidas, um salão literário.

“Mas e o tempo?”, pergunta a velha ansiedade, síndica do condomínio das horas. O tempo não falta: **ele muda de função**. Em vez de um patrão exigente, o tempo vira cúmplice. Quinze páginas ao amanhecer são uma pequena conspiração contra a urgência. Três contos antes de dormir são um pacto de silêncio com o mundo — e, no meio, a vida continua: audiências, compromissos, o almoço que queima um pouquinho porque a gente ficou preso num parágrafo muito bom. Tudo bem. A crônica do dia tem esse tempero.

Arquivar uma lista também é um gesto de **cuidado consigo**. Há quem cuide do corpo com cronogramas rigorosos; há quem cuide da pele com rotinas dermatológicas. Eu escolhi cuidar do espírito com uma **rotina de beleza invisível**: literatura. Afinal, a pele envelhece; o espírito, quando lê, se adensa. Fica mais bonito de dentro para fora. E quem lê se torna uma presença mais rara: conversa melhor, ama melhor, até briga melhor — com argumentos que não esmagam, esclarecem.

No fundo, guardamos listas porque tememos esquecer o caminho de volta para casa. Livro é farol. E farol não serve apenas nas tempestades; serve para lembrar que há uma *linha* entre o mar e a noite. Talvez seja isso que chamamos de classicidade: uma linha que não se apaga, mesmo quando a maré muda de assunto.

E se amanhã não cumprirmos o plano? Se a semana tropeçar, se a vida bater à porta com sapatos sujos? Nada de culpa. Plano de leitura é que nem amizade antiga: aguenta pausas e recomeça do mesmo ponto, com um sorriso. Os livros, seres

pacientes, não cobram presença. Eles esperam. E, quando você volta, fingem que foi **sempre hoje**.

Termino com uma cena possível: é tarde, a casa respira em voz baixa, e eu fecho a pasta no computador. A cadeira, cúmplice, range. Lá fora, o vento tenta virar as páginas da cidade. Aqui dentro, acendo uma luminária e escolho uma primeira frase — qualquer uma, contanto que seja **a minha primeira frase de agora**. Ao abrir o livro, eu não cumpro um plano; eu inauguro um país. E arquivar é isso: **desenhar fronteiras para o que ainda vamos descobrir** e, de vez em quando, atravessá-las sem passaporte.

Hoje a página me espera. Amanhã, a crônica a ser lida serei eu.